

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA VIVÊNCIA PRÁTICA SIGNIFICATIVA

Autora: Dayana Maria da Silva (UFPE/CAA)

day16ana2010@gmail.com

Coautores: Daysiane Roberta Pereira dos Santos (UFPE/CAA)

daysianer@gmail.com

Ranielle Maria de Souza (UFPE/CAA)

ranielle-souza@hotmail.com

GT: Eixo III

RESUMO

O presente artigo versa sobre a importância da vivência do Estágio no ensino fundamental, a partir da investigação sob a experiência, dessa forma temos como objetivo: compreender de que forma o estágio pode contribuir com a prática docente. Este trabalho é um recorte de uma aproximação de uma atividade realizada em campo que tem por intuito conhecer a práxis do professor no ensino fundamental, realizado durante a disciplina Estágio Supervisionado II no Ensino Fundamental. A abordagem Teórico-Metodológica deste relato de experiência centra-se nas discussões sobre prática docente e o estágio supervisionado, nesse sentido nos pautamos teoricamente a partir de PIMENTA (2004); VAZQUEZ (1997); OSTETTO (2008). O procedimento metodológico utilizado para desenvolver o relato de experiência baseia-se na observação a partir da perspectiva de GIL (2008) e LAKATOS (1999), na análise dos dados e no desenvolvimento do projeto de intervenção. Os resultados apontam a importância do estágio para formação docente enquanto tempo e espaço formativo que de maneira significativa agrega conhecimentos e amplia as reflexões acerca da prática, como também a relevância de compreender prática docente numa perspectiva de práxis.

Palavras Chave: Estágio supervisionado, Ensino Fundamental, Prática docente

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto das experiências que ocorreram por meio das observações e intervenções sob um olhar reflexivo da prática docente em uma turma do 3º ano do Ensino fundamental I, relatório este construído durante a disciplina de Estágio Supervisionado II Ensino Fundamental, no curso de Pedagogia (UFPE/CAA). Estabelecendo um contato com o campo de atuação, tendo à possibilidade de observar esse espaço, os sujeitos, a atuação docente e sua prática, analisando quais elementos são constituintes de uma prática pedagógica e docente, o que se torna muito significativo para nosso processo formativo, em que, “Essa

experiência registra avanços na direção da unidade teoria e prática e leva o estagiário a perceber que sua prática educativa é fonte tanto da atividade reflexiva como da prática investigativa” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 122) esta, nos possibilita refletir sobre nossas ações e nos instiga a pesquisar, reconhecendo e compreendendo os desafios vividos na sala de aula e na escola, bem como, refletindo sobre a teoria e a prática.

Entendemos como prática aquela que se realiza através das ações desenvolvidas em torno do ser e fazer docente, modificando, inovando e ressignificando sua práxis, que segundo Vázquez (1997) “Toda práxis é uma atividade, mas nem toda atividade é uma práxis” (p. 185) porque esta envolve uma finalidade no seu fazer.

Torna-se muito interessante pensar a prática docente como elemento fundamental no estágio, permitindo-nos refletir sobre as práticas dos docentes, seus métodos, suas experiências, seus desafios.

Desta forma o estágio nos possibilita experiências que nos permitem compreender por meio de diversos aspectos a importância da atuação do professor e a prática que o mesmo desenvolve na sala de aula.

Para a realização do estágio nos foi estabelecido um campo de atuação, o ensino fundamental I, e para o desenvolvimento, selecionamos a turma do 3º ano, localizada em uma escola municipal no município de Caruaru – PE.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresentamos o viés do caminho metodológico que constituiu o referente relato. Na tentativa de compreender como acontece a atuação docente no ensino fundamental, utilizamos como instrumento de coleta de dados a observação participante, que nos permite uma melhor aproximação com os alunos e compreender qual a relação existente no contexto em que estão inseridos. Sobre a observação participante Gil (2008), afirma que:

A observação participante possibilita ao observador vivenciar as atividades como um próprio componente daquele grupo. Nessa direção Gil (2008) afirma que: (...) o observador assume, pelo menos até certo ponto o papel de um membro do grupo. (...) consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade do grupo ou de uma situação determinada. (Gil, 2008, p.103)

Ainda nessa perspectiva, a observação participante é vista como a “tentativa de colocar o observador e observado do mesmo lado, tornando-se o observador o membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referências delas” (MARCONE; LAKATOS, 1999, p.82).

A partir das observações foram realizados momentos de diálogos com docentes e gestora para a construção do projeto de intervenção, onde as mesmas puderam sugerir em qual área seria feita a intervenção. Foi decidido que a ação giraria em torno de trabalhar a convivência em sala de aula em uma turma de 3º ano do ensino fundamental I.

COLABORAÇÃO TEÓRICA

Visualizamos em estudo que a prática docente é uma construção que se realiza a partir da relação que desenvolvemos com o outro e que nos exige uma intencionalidade, o estágio nesse sentido nos proporciona vivenciar diversos momentos e refletir sobre diversos elementos constituintes dessa prática docente.

O estágio nos possibilita vivenciar por meio da prática a aproximação com o nosso campo de atuação, nos permitindo questionar e problematizar esse campo através da observação, reflexão, pesquisas e ações que desenvolvemos durante este. Estagiar é levar em consideração o contexto interno e externo escolar, reconhecendo o cotidiano da escola, seus sujeitos no contexto escolar, as concepções que a escola possui e sua realidade, bem como as ações docentes, sendo este um caminho formativo é necessário abrir-se para a escuta, refletindo sobre nossa própria formação. Nesse sentido Ostetto, nos diz que:

“No estágio, não está em jogo o aprendizado de uma metodologia, de um saber-fazer determinado, mas um “saber sobre si”, traduzido no processo de autoconhecimento que se abre da vivência interativa, para a percepção de limites e possibilidades. O reconhecimento da falta é que provoca o desejo de busca” (2008, p. 130).

É um elemento fundamental para nós futuros docentes, pois, é por meio do estágio que mediamos a teoria e a prática, investigando o saber-fazer no contexto da sala de aula e no desenvolvimento da aula, participando de experiências formativas únicas em que confrontamos nossas expectativas com a realidade e vivenciamos situações diversas de

aprendizagem, estabelecendo relações interativas com o outro, experimentando de muitos sentimentos construtivos que tem uma imensa importância na nossa formação.

A prática profissional ela não se finda em si mesma, é uma prática que está associada ao conhecimento, sendo um processo contínuo e transformador que está interligado a diversos aspectos. De acordo com Roldão (2007):

“A formalização do *conhecimento profissional* ligado a acto de *ensinar* implica a consideração de uma constelação de saberes de vários tipos, passíveis de diversas formalizações teóricas – científicas, científico-didáticas, pedagógicas (*o que ensinar, como ensinar, a quem e de acordo com que finalidades, condições e recursos*), que contudo, se jogam num único saber integrador, situado e contextual – *como ensinar aqui e agora* –, que se configura como “prático” (p. 98).

Dessa forma, refletiremos sobre a prática docente que não será conjugada por um único aspecto, mais buscando a compreensão do conjunto de diversos fatores que se fazem presente na formação profissional e como seus elementos formativos se concretizam em suas ações levando em conta o seu comprometimento, responsabilidade e reflexão sobre sua intencionalidade no ato de ensinar.

Para compreendermos o processo que ocorre no espaço formativo físico ou não que se constitui a sala de aula é preciso compreender como se caracteriza este tempo e espaço formativo, entendendo que o processo de ensino e aprendizagem ocorre por meio da aula que está para além de uma sala de aula. Segundo Freitas (2011):

“A aula precisa constituir-se como situação possibilitadora de desenvolvimento, tanto do aluno quanto do professor; ampliar o nível de conhecimento dos alunos, de forma contextualizada, de acordo com as finalidades, princípios e prerrogativas do seu tempo histórico; firmar-se como um espaço de formação de habilidades, de atitudes e de procedimentos, necessários à constituição de sujeitos livres, críticos e autônomos” (FREITAS et al, 2011, p.170).

Entendemos dessa forma que aula não se delimita a repassar um determinado conteúdo mais sim desenvolver diversas possibilidades de mediação entre o ensino e aprendizagem para os sujeitos refletindo dentro dessas possibilidades o fator social, político, pedagógico e cultural, sendo este um espaço de encontro, interação e trocas em que se tem uma intencionalidade de formar sujeitos críticos, autônomos, reflexivos e produtores de saberes. A aula nessa perspectiva é definida como “um espaço-tempo coletivo de formulação de saberes, *locus* de produção de conhecimentos que pressupõe a existência de sujeitos que se relacionam, se comunicam e se comprometem com a ação vivida” (FREITAS et. al. 2011, p.

166). Nesse sentido, é importante que o contexto sócio-histórico dos sujeitos sejam inseridos nas situações educativas, para que de forma significativa ocorra o processo de ensino e aprendizagem.

Ainda no estágio é possível perceber e analisar que relações são estabelecidas entre professor e aluno durante esse processo educativo, que aspectos são mediadores dessa relação, nesse sentido “Professor e alunos precisam relacionar-se, de modo que, mediados pelo diálogo, interajam e produzam saberes reais, historicamente situados e necessários para a sua formação plena” (FREITAS et. al. 2011, p. 169). Assim, entendemos que os sujeitos precisam tornar-se centrais nesse processo e para que tenham uma formação plena é necessário que o professor estabeleça um elo de confiança, de reconhecimento social partindo da realidade que os cerca, refletindo e propiciando um espaço formativo de produção de saberes que sejam compartilhados, logo verificamos a importância de considerarmos esta perspectiva no processo de ensino e aprendizagem.

APRECIÇÃO DA VIVÊNCIA

Nosso Estágio, realizado com a participação de 3 (três) integrantes, se materializou com idas à escola campo de Estágio numa frequência antes combinada com a supervisora da escola. De modo que cada uma ficou em uma sala neste tempo de estágio onde foi possível contemplar e refletir sobre o cotidiano na sala de aula, sendo que cada uma de nós vivenciamos diferentes realidades e visualizamos diversas perspectivas docentes.

Construímos nossas reflexões de modo individual e compartilhada, nos reuníamos para trocarmos as experiências tidas em cada sala, conversávamos e dividíamos umas com as outras nossas impressões e reflexões. O interessante é perceber a semelhança e ao mesmo tempo a singularidade de cada uma das turmas e a postura de cada professor frente a essas.

Diante do contexto vivenciado, ao longo das observações, em conjunto discutimos sobre o tema da aula a ser dada, em que o mesmo tema foi desenvolvido nas três turmas, sendo realizado no mesmo dia, com a disponibilizado de um certo tempo desenvolvemos a aula individualmente.

Ao finalizar os momentos da aula compartilhamos nossas experiências mais uma vez entre nós e destacamos o quanto estes momentos no desenvolvimento do estágio é importante

pois nos permite observar, refletir e depois tentar colocar um pouco do que aprendemos em prática. Consideramos um momento riquíssimo e que nos permitiu novos olhares e novas perspectivas ao qual iniciaremos uma análise sobre.

No que diz respeito a vivência no contexto escolar pelos profissionais da escola nos parece ser que os mesmos interagem entre si, tem uma relação interativa e cooperativa, quando nos foi possível observar que o porteiro após a entrada das crianças ele se disponibiliza a ficar verificando os corredores para que as crianças fiquem nas salas de aula, leva e busca materiais para os professores para que não se ausentem da sala de aula, no recreio as meninas do serviço de limpeza e supervisora cuidam das crianças. No pouco tempo que estivemos lá, sentimos a ausência da gestão na relação com os professores, funcionários e alunos no que refere ao diálogo e acompanhamento, como esse não era nosso foco não demos ênfase a essas questões.

No contexto da sala de aula, inicialmente nos deparamos com salas de aulas amplas, ventiladas, porém, a organização que se faz durante o tempo que acompanhamos é o enfileiramento das cadeiras, não presenciamos em nenhum momento a dinâmica de mudança desse espaço, talvez para uma roda de diálogo, um outro meio de atividade que não fosse restrito apenas ao quadro. Não teremos registros fotográficos deste espaço, pois, não nos concederam a permissão para tal.

No contexto da aula, os alunos apresentavam-se aparentemente exaustos, uma boa parte da turma demorava muito para realizar as atividades e reclamavam-se da repetência das atividades, do exercício da escrita, da leitura e dos diálogos. Sempre que levavam suas atividades de casa para correção, esta acontecia de forma coletiva onde a professora relacionava as questões ao contexto dos alunos. Quanto ao fator de recusarem-se a fazer as atividades ela os alertava de que iria procurar seus pais para ter uma conversa com eles, e expressava em sua fala a indisciplina dos mesmos, que algumas vezes por suas ações de deboches eram punidos ficando sem recreio e sem ir para o campinho lugar onde podiam jogar bola, correr, brincar com corda e amarelinha. Sobre o fenômeno indisciplinar, Aquino (1998), nos revela que a indisciplina se caracteriza por:

[...] comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá ser traduzida de duas formas: 1) a revolta contra essas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma

forma de desobediências insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. (AQUINO, 1998, p. 10)

Refletimos dessa forma que os alunos se revoltam contra a rotina, entendemos que se comportavam desta maneira por se sentirem sobrecarregados de atividades, ressaltando que não eram todos, pois, todo o momento da aula era utilizado seja com diálogos, com leitura coletiva ou individual, com exercícios e dessa forma não lhes sobrava tempo para as conversas paralelas e possíveis brincadeiras que realmente não seriam pertinentes para o desenvolvimento da aula. Apesar da professora introduzir em suas aulas o momento de discussões, de diálogo e ouvi-los a aula se dava em um contexto onde a professora em sua fala ressaltava a importância de respeitá-la. Desse modo, Estrela (2002) nos diz que:

“Não há, portanto, receitas aplicáveis a qualquer situação ou a qualquer turma e as soluções são em geral construídas momento a momento, sob a pressão dos acontecimentos e a necessidade de uma resposta imediata e adequada, exigindo hábitos de reflexão na ação” (p. 98).

Como podemos perceber não existe solução determinante e concreta para a indisciplina, como bem explicita a autora, não há uma fórmula adequada, mas acreditamos que em meio ao processo formativo o educador tem como local a sala de aula e a vivência para refletir sobre as questões relevantes e em sua reflexão buscar soluções e métodos para combatê-la.

As práticas de leitura eram constantes na sala de aula, onde, a professora selecionava livros na biblioteca trazendo-os para a sala de aula, fazendo a distribuição para os alunos e os mesmos levam para casa fazendo a leitura, no dia seguinte a aula é iniciada com o compartilhamento das histórias, sendo que ao final de cada leitura a professora incentiva a reflexão sobre a história. Nesse sentido, Brandão revela que:

“A condição de leitor pode estar associada à função de criador de textos, à produção escrita, à habilidade de declamação de textos poéticos, à produção de material de cordéis, à sua divulgação e circulação entre os leitores potenciais” (BRANDÃO, 2005, p. 49).

Assim, os alunos podem então pelo contato com estes, compreender e desenvolver estas habilidades citadas acima pelo autor. Possibilitar aos alunos momentos em que possam explorar e ler vários contos e histórias que se passam em diferentes contextos, lendo-os, exercitando a oralidade, analisando a estrutura bem como os sentidos e significados ali

abordados é muito significativo. É preciso interação e diálogo entre professor e aluno, é necessário também que os alunos possam optar pelos temas que mais gostam, promovendo por parte deles uma leitura mais prazerosa.

Debater sobre alguns assuntos abordados nas histórias selecionadas pelos alunos, são ações que ajudam a ampliar a compreensão do gênero textual, seu sentido e função social que serão sistematizados por meio da escrita. Segundo Rojo (2010):

“É, pois, em práticas orais letradas, em especial de compreensão de textos – leitura em voz alta, recontagem de histórias, desenhos animados e etc, -, que a criança começa a se apropriar dos conhecimentos, capacidades e práticas necessárias à compreensão e produção dos escritos” (p. 48)

Contudo, diante dessas práticas trazidas pela autora, nos faz entender de que a professora tem uma intencionalidade em sua ação, de fazer com que estes alunos se tornem leitores, possam refletir sobre sua leitura, podendo interpretá-la e compartilhá-la, bem como fazer suas próprias produções.

No desenvolvimento das aulas de geografia realizada por uma das docentes a mesma fazia sempre a retomada dos assuntos já estudados, de forma a reforçar o que fora aprendido, incentivando a fala dos alunos sobre o tema para analisar o que compreenderam sobre, tirando as dúvidas que surgem nas discussões, é relevante que nas aulas de geografia as atividades para casa eram mais práticas, apesar das atividades serem do livro didático algumas vezes. As atividades práticas permitiam que os alunos refletissem sobre o espaço onde moram, sua localização, os fenômenos sociais, o solo, o sol e fizessem pesquisas seja por meio de entrevista com os pais ou a procura por imagens e produção de desenhos que atingissem a compreensão deles. Percebemos assim que a professora se utiliza de diversos recursos para contextualizar e desenvolver sua aula de maneira dinâmica. Nesse viés, o Parâmetro Curricular Nacional nos diz que:

“É fundamental também que o professor conheça quais são as idéias e os conhecimentos que seus alunos têm sobre o lugar em que vivem, sobre outros lugares e a relação entre eles. Afinal, mesmo que ainda não tenham tido contato com o conhecimento geográfico de forma organizada, os alunos são portadores de muitas informações e idéias sobre o meio em que estão inseridos e sobre o mundo, têm acesso ao conhecimento produzido por seus familiares e pessoas próximas e, muitas vezes, às informações veiculadas

pelos meios de comunicação. Esses conhecimentos devem ser investigados para que o professor possa criar intervenções significativas que provoquem avanços nas concepções dos alunos” (1997, p.87)

Entendemos que as ações da docente atendem aos objetivos propostos por este componente curricular, no sentido em que dialoga sobre estes diversos aspectos, explorando-os através das ações e atividades desenvolvidas que se estendem durante as aulas nas diversas disciplinas, em que consideram em sua maioria o ato de refletir e as vivências, buscando ouvir as falas dos alunos.

Acreditamos que as professoras constituem uma prática que reflete sobre os sujeitos, que em sua grande maioria está de acordo com os objetivos para o ensino fundamental, são profissionais que demonstram uma experiência significativa no exercício de sua prática. Entendemos que a competência pedagógica na própria prática, no dia-a-dia da experiência vivida, se constitui no ato de refletir sobre ela, uma vez que esta reflexão deve se processar antes, durante e depois da ação, que se traduz no triplo movimento reflexão-na-ação, reflexão-sobre-a-ação, e sobre-a-reflexão-na-ação. Sendo assim, Perrenoud (2002) afirma que:

Um profissional reflexivo não se limita ao que aprendeu no período de sua formação inicial, nem ao que descobriu nos primeiros anos de sua prática. Ele reexamina constantemente seus, seus procedimentos, suas evidências e seus saberes. (p.44)

Durante as aulas ao qual realizamos pudemos refletir sobre nossas ações, nos aspectos positivos e negativos, repensando nosso planejamento, nossas falas, e também os sujeitos, e principalmente refletir sobre a ação do outro.

Em uma das salas observadas, haviam duas alunas que tinham baixo repertório de aprendizagem e dificuldades na leitura e escrita, sendo assim a professora fazia atividades específicas de acordo o nível de aprendizagem delas, utilizando os mesmos temas da aula, porém, explorando o assunto sistematizadamente de outra forma, o que através das atividades observadas fica evidenciado o avanço na aprendizagem das mesma, sendo um ponto muito positivo o olhar sensível da professora em compreender seus alunos como sujeitos singulares, atentando para as diferenças e oportunizando a aprendizagem adequada aos mesmos.

No que se refere as nossas ações realizadas na aula, ficamos um pouco apreensivas quanto a realização do que propomos, se conseguiríamos atingir nossos objetivos. Como foi

disponibilizada somente o desenvolvimento de uma aula, tentamos aproveitar ao máximo o momento visando contribuir intencionalmente com a aprendizagem dos alunos. O tema escolhido pelas professoras nos possibilitou explorar os conhecimentos das disciplinas e ampliar alguns conhecimentos ou intensificá-los, partindo da realidade dos sujeitos, do seu convívio social buscamos inseri-los de forma prazerosa durante a realização das atividades no processo de aprendizagem.

Nos apropriando dos assuntos que seriam trabalhados, buscamos realizar atividades práticas e dinâmicas, considerando que eram poucos os momentos de construções práticas em sala, desse modo, buscamos inserir elementos que os alunos tivessem algum conhecimento sobre, alguns aspectos de seu cotidiano. Dessa forma buscamos possibilitar a interação entre os próprios alunos que foi algo do qual sentimos ausência durante as aulas, propomos momento de diálogo, onde eles puderam pensar sobre e compartilhar suas ideias e produções, ainda, pensamos no trabalho coletivo para algumas atividades.

A saber, no que concerne os saberes da docência “ Os saberes levantados por alunos e professores demonstram que são necessárias múltiplas aprendizagens e habilidades para que a ação docente se efetive” (PIMENTEL; PONTUSCHKA, 2004, p. 82). A aula se desenvolveu em um trabalho conjunto com os alunos que participaram ativamente, atenderam aos objetivos propostos ao qual tivemos o cuidado de deixar claro em cada uma de nossas propostas durante nossos diálogos e desenvolvimento, assim como as autoras explicitam foi muito significativo as aprendizagens que nos foram proporcionadas, nos rendendo bons resultados, que só foram possíveis a partir dessas trocas de saberes, do compartilhamento de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estagio supervisionado II nos deu a oportunidade de estar mais próximos do que potencialmente poderá vir a ser nosso campo de atuação. Em vista dos fatos abordados, observados e presenciados nos permite conhecer como se faz a atuação do professor em sala de aula, e que a prática se constitui dessas vivências, pois entendemos que não há um modelo de prática a ser seguido, e sim existem experiências para ampliar nossa visão enquanto ser formador de educação.

Dessa forma, é através das vivências em sala de aula que percebemos a intenção que temos perante o outro, proveniente da flexibilidade, sensibilidade e acreditando na mudança, na contribuição que irmos oferecer ao discente, a qual se faz como um processo formativo, viabilizando a formação de um sujeito crítico e ativo perante a sociedade. Diante disso, segundo Oliveira e Cunha (2006), afirma que “podemos conceituar Estágio Supervisionado, portanto, como qualquer atividade que propicie ao aluno adquirir experiência profissional específica e que contribua, de forma eficaz, para sua absorção pelo mercado de trabalho” (OLIVEIRA, CUNHA, 2006, p. 06).

Consequentemente, o estágio realizado nos dirigiu a uma experiência ímpar, a qual proporcionou um contato com uma realidade antes desconhecida e agora passa a ser fruto de uma aula realizada de acordo com as observações feitas. Um momento de construção, de desconstrução e reconstrução de alguns conceitos interiorizados na formação, que agora associado e enriquecido com a prática nos dão um domínio melhor do que é tratado quando fala-se de teoria interligada a prática.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual**. vol. 24. n. 2. Revista da Faculdade de educação, São Paulo, v.24, n. 2, 1998.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. **Leitura e produção de textos na alfabetização** / organizado por Ana Carolina Perrussi Brandão e Ester Calland de Souza Rosa, - Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Portugal: Editora Porto, 1992.
- FREITAS, I.M.S; SALES, J.O.C.B; BRAGA, M.M.S.C e FRANÇA, M.S.L.M. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. – 3. Ed, nova ortografia – Brasília: Líber Livro, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo. Ed. Cortez, 1994. (Coleção magistério. Série formação do professor).
- NÓVOA, António. **Para uma análise das instituições escolares**. 1999. Disponível em: <<http://www.escolabarao.com.br/pdf/texto2/files/publication.pdf>>
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **O Estágio Curricular no Processo de Tornar-se Professor**. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda, (org). Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- Parâmetros curriculares nacionais: **história, geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 166p.
- PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução Cláudia Schilling. – Porto Alegre. Ed. Artmed, 2002.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência**/ Selma Garrido Pimenta. Maria Socorro Lucena Lima: revisão técnica: José Cerchi Fusari, - São Paulo: Cortez, 2004. – (Coleção docência em formação. Série Saberes pedagógicos)
- PIMENTEL, Carla Silvia; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A construção da profissionalidade docente em atividades de estágio curricular: experiências na Educação Básica**. São Paulo. Cortez editora, 2004.

ROJO, R. H. R. **Produzir textos na alfabetização: projetando práticas.** Educação (São Paulo), v. 1. P. 44-59, 2010.

ROLDÃO, Maria do Céu. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional.** Revista Brasileira de Educação v. 12, n. 34, jan./abr.2007.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.